

As percepções de Clodomir Vianna Moog e Bayard de Toledo Mércio acerca da nacionalização de imigrantes e descendentes nas obras *Um rio imita o Reno* e *Longe do Reno*

Rodrigo Luís dos Santos¹

The perceptions of Clodomir Vianna Moog and Bayard de Toledo Mércio about the nationalization of immigrants and descendants in the works *Um rio imita o Reno* and *Longe do Reno*

Resumo: Objetivamos neste trabalho analisar os diferentes discursos e posicionamentos acerca da Campanha de Nacionalização empreendida no Brasil durante o período do Estado Novo, tendo como objetos dois romances escritos neste período: *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog, publicado em 1939, e *Longe do Reno*, lançado em 1940, tendo como autor Bayard de Toledo Mércio. Cada autor elabora uma narrativa representativa de suas compreensões pessoais e posicionamentos políticos e ideológicos frente ao processo nacionalizador em vigência naquele momento, em consonância com a divisão em esfera mundial deflagrada por conta da eclosão da Segunda Grande Guerra, a partir de 1939. Deste modo, cabe ressaltar a importância da apreensão de elementos presentes na Literatura por parte dos historiadores, tendo em vista a forte carga representativa e discursiva que é empregada nessas obras, sendo possível antever uma compreensão significativa do quadro social, político e cultural deste período histórico.

Palavras-chave: Vianna Moog. Bayard de Toledo Mércio. Nacionalização. Imigração.

Abstract: The objective of this work is to analyze the different discourses and positions about the Campanha de Nacionalização (Nationalization Campaign) undertaken in Brazil during the Estado Novo period, having as objects two novels written in this period: *Um rio imita o Reno* (A river imitates the Rhine) by Vianna Moog, published in 1939; *Longe do Reno* (Away from the Rhine), launched in 1940, having as author Bayard de Toledo Mércio. Each author

¹ Instituto Superior de Educação Ivoiti – ISEI; Mestre em História – UNISINOS.

elaborates a narrative representative of their personal understandings and political and ideological positions in front of the nationalizing process in force at that moment, in line with the division in world sphere triggered by the outbreak of the Second World War, from 1939 onwards. Thus, it is important to point out the importance of historians' grasp of elements present in literature, given the strong representative and discursive character of these works. It is possible to foresee a significant understanding of the social, political and cultural context of this historical period. **Keywords:** Vianna Moog. Bayard de Toledo Mércio. Nationalization. Immigration.

O final da década de 1930 e o princípio dos anos 1940 foram marcados pela publicação de uma série de obras abordando a questão da presença de imigrantes e descendentes em terras brasileiras, sobretudo no Sul do país. Algumas tinham um caráter mais político-pedagógico ou se atribuíam o caráter denunciativo, como os livros *Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande*, de José Pereira Coelho de Souza², de 1941, *A ofensiva japonesa no Brasil*, de Carlos de Souza Moraes³ e *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*, do tenente-coronel Aurélio da Silva Py⁴, ambos lançados em 1942. Outros adotaram o gênero ficcional, sobretudo na forma de romances. Através de suas narrativas, estas obras buscavam apresentar ao leitor diferentes representações sobre a questão imigrante no Brasil e sobre o processo

² Jornalista e professor, foi secretário de Educação do Rio Grande do Sul entre os anos de 1937 e 1945, abrangendo assim todo o período do Estado Novo.

³ Advogado, ocupou os cargos de secretário da Prefeitura Municipal de São Leopoldo entre 1937 e 1944, diretor de Instrução Pública do município entre 1938 e 1943 e, por fim, prefeito municipal, entre 1944 e 1945.

⁴ Médico e militar, foi chefe de Polícia do Rio Grande do Sul entre os anos de 1937 e 1943.

de Nacionalização, então em curso. Neste trabalho, nos ateremos a analisar aspectos presentes em dois romances, lançados com a diferença de um ano entre eles. O primeiro é *Um rio imita o Reno*, escrito por Clodomir Vianna Moog, escritor nascido em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, que ocupou vaga na Academia Brasileira de Letras, além de exercer por muitos anos funções diplomáticas e representativas. O segundo livro é *Longe do Reno: uma resposta a Vianna Moog*, de Bayard de Toledo Mércio, advogado e juiz de Direito nascido na cidade sul-rio-grandense de Venâncio Aires. Cada romance apresenta uma percepção sobre a imigração, de forma especial a de origem alemã, e a dinâmica das medidas nacionalizadoras sobre estas comunidades.

Um elemento importante que podemos asseverar é que os dois pontos de vista defendidos pelos autores, contrastantes ente si, encontram ancoradouro nos discursos das autoridades estadonovistas sul-rio-grandenses do período. É o caso do então secretário de Educação, José Pereira Coelho de Souza.

Coelho de Souza usava frequentemente as páginas dos jornais, sobretudo o *Diário de Notícias* e o *Correio do Povo*, para manifestar suas ações de nacionalização, suas denúncias e suas teorizações sobre os núcleos imigrantes no Rio Grande do Sul. Em uma destas entrevistas, publicada na edição do *Correio do Povo* de 29 de março de 1942⁵, o secretário de Educação elabora uma divisão conceitual sobre as

⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 29/03/1942, ano XLVIII, n. 75, p. 5

comunidades de origem alemã, enquadrando-as em três tipologias: as *nacionalizadas*, as *tradicionais* e as *nazistas*.⁶

No primeiro grupo, das comunidades *nacionalizadas*, Coelho de Souza entendia que estas já estavam integradas de forma intrínseca ao cenário social e cultural brasileiro, exercendo sua cidadania plenamente e demonstrando seu amor pátrio de forma coesa e interligada com o pensamento do Estado Novo. O segundo grupo, das comunidades *tradicionais*, ainda sofria do problema do isolamento, não geográfico, mas étnico e cultural, pois ainda estavam fortemente ligadas com o seu passado estrangeiro. Para este grupo, o emprego da Campanha da Nacionalização do Ensino e as proibições de uso do idioma alemão seriam suficientes para resolver o problema, logo promovendo uma integração plena ao Brasil. Já o grupo das comunidades *nazistas* era o mais perigoso, necessitando da máxima ação do regime estadonovista, com enfática repressão e medidas coercitivas, pois representavam um problema gravíssimo ao Brasil.

Todavia, essa conceituação atribuída por Coelho de Souza às comunidades de origem alemã é problemática, pois não havia uma

⁶ Sobre a questão da presença nazista no Rio Grande do Sul, queira ver: LUCAS, Taís Campelo. *Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento* (Rio Grande do Sul, Brasil). Tese [Doutorado]. Porto Alegre, 2011. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2011; GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1991; _____. *O Fascismo no Sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

homogeneidade. Dentro destas comunidades poderiam coexistir estes três grupos. Isso explica o fato de, embora algumas comunidades tenham sido classificadas como nacionalizadas, tenham sofrido interferências coercitivas por parte das autoridades, seja no âmbito educacional, seja na ação policial. Em termos gerais, mesmo com a divisão tipológica, todas recebiam o sinal de atenção por parte do governo.

Sobre as obras de Vianna Moog e Toledo Mércio, ambas se enquadram no discurso oficial, cada uma verticalizando seu foco sobre um tipo de grupo. No caso de *Um rio imita o Reno*, a comunidade local é vinculada com o terceiro grupo, dos *nazistas*. E em *Longe do Reno*, se visualiza o primeiro tipo, das comunidades *nacionalizadas*.

Apreciações sobre Um rio imita o Reno e Longe do Reno

Dentro das fontes e possibilidades analíticas que vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos na disciplina histórica, sobretudo a partir dos *novos horizontes* descortinados pela Nova História Cultural, a literatura tem um destaque bastante grande. Na assertiva de Antonio Celso Ferreira (2004), que vai ao encontro dessas novas possibilidades investigativas e interpretativas, são construídos discursos de representação social em uma gama variável e expressiva de fontes, não mais apenas aquelas percebidas como oficiais, fugindo assim de uma visão positivista de construção histórica, mas adentrando em um universo mais amplo, que inclui o campo literário, dos museus, do

cinema, das artes plásticas e de outros suportes documentais e discursivos.

Primeiramente, é preciso estabelecer alguns marcos conceituais importantes para que o historiador possa, dentro de sua perspectiva e arcabouço teórico-metodológico, efetivar uma análise mais adequada de uma obra literária e compreender o universo social, político e cultural que estas expressam e representam. Conforme ressalta Valdeci Borges,

se a literatura, como outros monumentos e arquivos humanos, guarda as questões de um tempo e as marcas de um povo e de um lugar, lidar com tais fontes requer a construção de instrumentos afinados capazes de lançar luz àquilo que traz em seu bojo (BORGES, 2010, p. 107).

Deste modo, é preciso estar ciente que uma obra literária é fruto de aspectos subjetivos e também de intencionalidades. É resultado de interesses e visões de mundo que o autor traz em sua bagagem pessoal. E aquilo que é materializado nas frases e linhas de uma obra literária é expressão direta ou indireta dessa realidade. A partir desta perspectiva, nos apropriamos de um conceito proposto por Michael Pollack (1989, p. 11), que é o *trabalho especializado de enquadramento*. Expressão elaborada por este historiador austríaco para análises críticas no âmbito dos usos da memória, cabe também ao adentrarmos no campo das apreciações literárias, tendo em vista que, na concepção e feitura de uma obra, também são enquadrados, ressaltados, desprezados e silenciados determinados aspectos e elementos do tecido

social. Assim, embora com maior liberdade, o autor literário também transcreve em sua obra elementos que lhe são caros, dando uma ênfase ou não para aquilo que lhe convém.

A literatura, por seu turno, não se enquadra em padrões e regras ortodoxas, não tendo assim compromissos diretos em apresentar e representar as verossimilhanças do contexto social no qual está inserida. Conforme Jacques Leenhardt,

A literatura apresenta, neste aspecto, a vantagem de ser explícita, legítima, e, ao mesmo tempo, de pouca consequência, pois é claro para cada um que não se poderia conceder fé às ficções! A literatura é, assim, a boa filha do historiador, sempre a servir, se for preciso, ou silenciosa, se necessário. Ela é, então, um objeto particularmente útil no momento de pensar ou de não pensar os movimentos que agitam, ainda que implicitamente, as calmas águas da História (LEENHARDT, 2004, p. 151).

Vislumbrar essas diferentes nuances é necessário para que o historiador compreenda criticamente não apenas o que está delimitado ao texto literário sobre o qual se debruça, mas para que atente aos elementos subjetivos e objetivos que estão além dele, expressos muitas vezes nas entrelinhas, nos realces e nas omissões. Fundamentados por essas compreensões teóricas e pelas possibilidades que as mesmas apresentam, é com esse olhar crítico que procuramos vislumbrar os detalhes constitutivos e os discursos presentes nos romances *Um rio imita o Reno* e *Longe do Reno*.

Para este artigo, iremos analisar estes romances abordando quatro aspectos: a) as trajetórias de Vianna Moog e Toledo Mércio; b) o cenário onde as histórias se passam; c) os principais personagens e d) a propaganda nazista.

Em *Um rio imita o Reno*, a cidade onde se desenvolve a narrativa da obra se denomina Blumental, um nome de origem alemã. A inspiração para a cidade fictícia veio dos municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Ao descrever a estrutura urbana da cidade, Vianna Moog a aponta como uma cidade desenvolvida, com um ramo industrial proeminente, mas que mantém uma série de características germânicas. Em determinado momento da obra, um dos personagens principais, Geraldo Torres, ao vislumbrar do hotel onde está hospedado a área central da cidade, chega a pensar que não está em uma localidade brasileira, mas sim em uma pequena cidade alemã:

Blumental dava-lhe a impressão de uma cidade do Reno extraviada em terra americana. Desde o gótico da igreja, até a dura austeridade das fachadas, tudo nela, à exceção do jardim, era grave, rígido, tedesco. Os sinos plangeram dentro da noite que se adentrava. Onomatopéia da melancolia. Como se estivesse ouvindo novamente o prelúdio do piano, um tumulto, uma angustia interior agarrava-lhe as entranhas. Geraldo teve vontade de chorar. Sentia saudades do Brasil (MOOG, 1966, p. 25-26).

Além disso, no cotidiano da cidade, aspectos culturais e linguísticos relacionados com a Alemanha eram fortemente valorizados pela população de Blumental. Em determinado momento da obra, em um diálogo com Geraldo Torres, o promotor da cidade comenta: “Ah, filho, aqui é assim. Quem não souber falar alemão, come no duro. Se eu não fosse promotor, como advogado passava fome. Não peguei até agora nenhuma causa por fora” (MOOG, 1939, p. 20). Assim, mesmo sendo uma cidade onde se falava o português, dominar a língua alemã era um sinal de abertura ou fechamento de espaços dentro dos círculos sociais locais. Ao caracterizar Blumental, Vianna Moog reforça o estereótipo germanizado da localidade, tanto no seu aspecto arquitetônico como cultural. A escolha das cidades para embasar sua Blumental não é meramente aleatória por parte de Vianna Moog. O escritor possuía vinculações estreitas com São Leopoldo e Novo Hamburgo.

Clodomir Vianna Moog nasceu na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, em 28 de outubro de 1906. Era filho de Maria da Glória Vianna Moog, professora, e de Marcos Moog, funcionário público federal. Sobre a formação educacional e intelectual de Clodomir Vianna Moog, sua alfabetização iniciou em uma escola que sua mãe dirigia, a Escola Primária de São Leopoldo. Posteriormente, ingressou no Colégio Elementar Visconde de São Leopoldo. Quando do falecimento de sua mãe, permaneceu dois anos como aluno interno do Instituto São José, mantido pelos Irmãos Lassalistas, em Canoas, então

distrito de Gravataí. Estudou ainda no Colégio São Jacó, em Hamburgo Velho, localidade então pertencente ao 2º Distrito de São Leopoldo, Novo Hamburgo, onde morava seu pai. Por fim, ingressa no Ginásio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, no ano de 1918. Em 1925, após não conseguir se matricular na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, ingressa na Faculdade de Direito de Porto Alegre, onde se formou bacharel em janeiro de 1930.

Profissionalmente, Vianna Moog começou no comércio em Porto Alegre. Em 1925 é nomeado guarda-fiscal de Repressão ao Contrabando na Fronteira, além de ser nomeado para a Delegacia Fiscal de Porto Alegre. Nos anos seguintes, após passar em concurso para agente fiscal de imposto do consumo, trabalhou nas cidades de Santa Cruz do Sul e Rio Grande.

Politicamente, Vianna Moog fez parte do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), que estava à frente do governo estadual desde a proclamação da República, tendo como seus principais expoentes Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Vianna Moog aderiu à Aliança Liberal, que lançou Getúlio Vargas, então presidente do Rio Grande do Sul, como candidato à presidência da República em 1929. No ano seguinte, participou do movimento de outubro de 1930, que derrubou o então presidente Washington Luiz, levando Getúlio Vargas ao poder federal. Ainda em 1930, retorna a Porto Alegre, como agente fiscal desta cidade. Neste período começa a atuar como jornalista, escrevendo para o Jornal da Noite. No ano de 1932, apóia a chamada Revolução

Constitucionalista, promovida pelo estado de São Paulo contra o governo Vargas, exigindo, entre outros aspectos, a promulgação de uma nova constituição para o Brasil. Por apoiar o movimento paulista, Vianna Moog é preso e transferido para Manaus, no Amazonas. Logo após, é transferido para Teresina, no Piauí, retornando ao Amazonas, mas desta vez para o interior do estado. Em 1934, com a promulgação da nova Constituição e com a anistia concedida aos rebeldes de 1932, Vianna Moog retorna ao Rio Grande do Sul.

Ao retornar a Porto Alegre, passou a trabalhar no jornal *Folha da Tarde*, publicado pela Companhia Jornalística Caldas Júnior. Chegou a ser um dos diretores deste jornal. Ocupou diversos cargos entre as décadas de 1940 e 1960, representando o Brasil em organizações internacionais, entre elas a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Em 1945, foi eleito para ocupar a Cadeira 04 da Academia Brasileira de Letras, que fora ocupada por Alcides Maya⁷, falecido no ano anterior. Tomou posse em 17 de novembro de 1945, sendo recebido pelo acadêmico Alceu Amoroso Lima. Clodomir Vianna Moog faleceu no Rio de Janeiro, cidade onde residia, em 15 de janeiro de 1988, vítima de uma parada cardíaca.

⁷ Alcides Castilho Maya nasceu em São Gabriel, Rio Grande do Sul, em 1878 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1944. Foi jornalista, escritor e político. Politicamente, era filiado ao Partido Republicano Rio-grandense, pelo qual se elegeu deputado federal entre 1918 e 1921. Foi diretor do Museu Júlio de Castilhos e colaborador do jornal *Correio do Povo*. Na literatura, escreveu, entre outras obras, o romance *Ruínas vivas* e o livro de contos *Alma bárbara*.

Já em *Longe do Reno*, Toledo Mércio não se preocupa em descrever as características urbanísticas da cidade onde se passa sua obra, mas busca reforçar os aspectos de integração cultural e social ao Brasil. Para isso, adota já uma estratégia oposta a Vianna Moog ao escolher o nome da cidade: Cruzeiro. Por conta de, em 1940, Bayard de Toledo Mércio estar exercendo atividades políticas em Taquara, provavelmente ele se baseou nesta cidade para a construção ficcional de Cruzeiro. Assim como Vianna Moog, a vida e as experiências do autor são transportadas nitidamente para o campo literário, onde realidade vivida e ficção imaginada se cruzam diametralmente.

Bayard de Toledo Mércio era natural da cidade de Venâncio Aires, na região do Vale do Rio Taquari. Nasceu no dia 21 de fevereiro de 1916. Posteriormente, em 1935, mudou-se para Porto Alegre, capital do estado, onde ingressou no Curso de Direito da Faculdade de Direito de Porto Alegre, onde bacharelou-se em 1938.

Neste mesmo ano passa a trabalhar na prefeitura municipal de Porto Alegre, durante o governo de José Loureiro da Silva. Ocupa funções nesta administração por um curto período de tempo, sendo logo designado para atuar junto ao governo estadual do Rio Grande do Sul. Ainda em 1938, é designado pelo então interventor federal, coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, para o cargo de secretário da prefeitura municipal de Taquara, para onde fora nomeado recentemente um novo prefeito, na pessoa do engenheiro Egydio Soares da Costa.

Posteriormente, entre fevereiro e novembro de 1946, Egydio da Costa foi nomeado prefeito de Porto Alegre.

Taquara, assim como São Leopoldo, era um município com um número grande de distritos, onde também havia uma marca preponderante da imigração alemã. No caso de São Leopoldo, a iniciativa de formação de uma colônia alemã partiu dos interesses do Império brasileiro, em 1824, capitaneada pelo então presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul José Feliciano Fernandes Pinheiro, o visconde de São Leopoldo. Taquara, por seu turno, foi resultado de um processo de colonização particular de terras, tendo como principal colonizador Tristão José Monteiro, a partir de 1846, quando iniciou a venda de lotes a imigrantes alemães e descendentes.

Nomeados para a administração municipal de Taquara pelo governo estadual a fim de efetivarem as ações de nacionalização, Egydio da Costa e Toledo Mércio estiveram à testa do Executivo taquarense até 1942, quando solicitaram exoneração de seus respectivos cargos, o que foi aceito pelo interventor federal Cordeiro de Farias.

No ramo jornalístico, Toledo Mércio fundou, em Taquara, o jornal *Folha de Notícias*, que circulou até 1942, quando deixou a prefeitura. Também foi diretor do jornal *A Semana*, periódico do município de Estrela, no Vale do Rio Taquari, também com forte presença de imigração alemã. Neste município, entre 1941 e 1943, a administração municipal foi chefiada por Cláudio de Toledo Mércio, irmão de Bayard. Após deixar a administração taquarense, Bayard de

Toledo Mércio muda-se com sua família para Estrela, onde reside até 1943. Durante o período em que residiu no município, ocupou o cargo de secretário da prefeitura municipal.

Em 1945, após concurso prestado, é nomeado juiz de Direito da Comarca de Novo Hamburgo, para onde se transfere com a família, exercendo este cargo até 1951. Novo Hamburgo, emancipado de São Leopoldo desde 1927, tem sua comarca instalada em 1945, tendo Bayard de Toledo Mércio como seu primeiro juiz. Entre os anos de 1957 e 1963, ocupou o cargo de juiz de Direito nas cidades de Bom Jesus, Três Passos, Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul e Santo Ângelo, todas no Rio Grande do Sul. Também foi juiz eleitoral em Montenegro, outra cidade com forte presença da colonização alemã e, entre 1964 e 1970, exerceu funções jurídicas em Porto Alegre. Ao se aposentar, em 1970, transferiu-se para São Leopoldo. Mais tarde, entre 1995 e 2001, passou a residir novamente em Novo Hamburgo.

Além das funções políticas e profissionais, Bayard de Toledo Mércio circulou entre diferentes ambientes sociais. Foi membro da Maçonaria, integrando a Loja Maçônica Rui Barbosa, em Novo Hamburgo, no início da década de 1950, onde exerceu a função de orador. Foi um dos fundadores do Aeroclube de Novo Hamburgo, em 1947, além de ter atuado no ramo imobiliário, com um loteamento no atual bairro Liberdade, local onde parte de suas cinzas foram depositadas. Bayard de Toledo Mércio faleceu em Novo Hamburgo, no dia 24 de setembro de 2001.

Dentre os argumentos que Toledo Mércio utiliza para reforçar a ideia de integração plena da comunidade cruzeirense ao meio social brasileiro, o autor faz uso de elementos culturais como o carnaval e o fato desta população estar desprovida de qualquer tipo de preconceito para com aqueles que venham *de fora*, ou seja, que não façam parte do vínculo local, como é o caso do personagem principal da obra, o médico sergipano Mário Vasconcellos.

Sobre os personagens principais, as duas obras utilizam-se de um enredo semelhante. Em *Um rio imita o Reno*, os protagonistas são o engenheiro amazonense Geraldo Torres e Lore Wolff, filha de uma das famílias tradicionais mais ricas de Blumental. Além destes, outros personagens ganham destaque, como Martha e Karl Wolff, respectivamente mãe e irmão de Lore; Armando Seixas, fiscal de consumo e principal amigo de Geraldo Torres; Dr. Stahl, médico conhecido por suas ideias anarquistas e contrárias ao nazismo. Merecem também menção os personagens do secretário da prefeitura, do promotor público e do major, prefeito local. Estes personagens não têm seus nomes mencionados. Sobre o major, prefeito de Blumental, a narrativa fornece indícios de que o mesmo seja inspirado no prefeito de São Leopoldo Theodomiro Porto da Fonseca.

No final da década de 1930, Clodomir Vianna Moog encaminhou queixas contra Theodomiro Porto da Fonseca junto a Borges de Medeiros, então chefe unipessoal do Partido Republicano Rio-grandense. No final da década de 1930, o mesmo já se encontrava

há 10 anos no governo leopoldense. Sua permanência no poder em 1937 se deu por conta de uma mudança de postura política. Até o final de 1936, Theodomiro Porto da Fonseca, já então membro do Partido Republicano Liberal (PRL), anuncia seu apoio inequívoco ao governador sul-rio-grandense José Antônio Flores da Cunha. Em março de 1937, em publicação no jornal *Correio de São Leopoldo*, Theodomiro anuncia seu rompimento com Flores da Cunha e parte para a dissidência do PRL, passando a prestar seu apoio irrestrito ao presidente Getúlio Vargas. E essa mesma situação, mesmo sem os nomes mencionados, é ressaltada em *Um rio imita o Reno*, ao enfatizar as posturas políticas *interesseiras* do prefeito de Blumental.

Já no romance de Bayard de Toledo Mércio, o prefeito de Cruzeiro não possui patente militar. É chamado de Dr. Cardoso. Conforme a narrativa, o Dr. Cardoso foi responsável por apaziguar os ânimos na cidade e promover de forma ordeira, pacífica e estruturada a nacionalização em Cruzeiro. Por conta de sua ação, Cruzeiro era uma cidade genuinamente brasileira, onde havia a integração entre os nacionais e os imigrantes e descendentes de alemães. Assim como o prefeito de Blumental foi inspirado no prefeito leopoldense, o prefeito de Cruzeiro personifica elogios ao chefe do Executivo de Taquara, Egidio Soares da Costa.

O personagem principal de *Longe do Reno* é Mário Vasconcelos, médico nascido no Sergipe, que vem para Cruzeiro atuar. Logo se apaixona por Flávia, neta do Dr. Cardoso pelo lado materno. A

mãe de Flávia se casa com um descendente de alemães. Com isso, mais uma vez o discurso de integração é reforçado, assim como a construção representativa de que o preconceito era algo inexistente naquela comunidade. Outro personagem de destaque é o Dr. Schutz, que assim como o Dr. Stahl de Vianna Moog, é contrário ao ideário nazista. Mas, ao contrário do personagem de *Um rio imita o Reno*, é favorável e defensor das ideias de nacionalização para com as comunidades de origem imigrante. Um aspecto importante que merece ser destacado é que no romance de Toledo Mércio, no tocante à representatividade de preconceitos, estes se encontram principalmente na figura de Mário Vasconcelos e no sentimento que nutre para com Cruzeiro e sua população. Com o passar do tempo, ao perceber a inserção e a assimilação entre nacionais e alemães e descendentes, sua postura muda e, ao casar-se com Flávia, decide residir permanentemente em Cruzeiro, para aí constituir sua vida, por ver naquela cidade um local apazível e propício para isso. Em *Um rio imita o Reno*, os atos de preconceitos exacerbados estão concentrados nas falas dos personagens de origem alemã, sobretudo em Martha e Karl Wolff, e até mesmo em personagens mais liberais, como o Dr. Stahl: “Não gosto de negros. Mesmo se quisesse, por um ato de vontade, não podia. Fui educado já com preconceitos raciais. [...] Agora seria difícil desintoxicar-se por completo” (MOOG, 1939, p. 136). Estes discursos servem para ressaltar a suposta superioridade que, intencional ou subjetivamente, alemães e descendentes nutrem para com outros grupos étnicos.

O terceiro aspecto que abordaremos abrange a questão da propaganda e inserção do nazismo, presente em ambos os livros. Em *Longe do Reno*, Bayard de Toledo Mércio praticamente recusa a ideia de que tenham ocorrido infiltrações nazistas no Rio Grande do Sul ou, pelo menos, sugere que isso tenha ocorrido de forma quase que insignificante. Em sua *Cruzeiro*, a presença do nazismo e de defensores dessas ideias era inexistente.

Contudo, em *Um rio imita o Reno*, Vianna Moog notadamente demarca a infiltração nazista e a presença de adeptos deste regime através das ideias e diálogos de alguns personagens. Ideias estas que possuem relação direta com o preconceito e com o racismo presente em boa parte da população de Blumental. Neste sentido, a personagem que sintetiza esse elemento é Martha Wolff:

Nas veias de Frau Marta não corria sangue nobre, mas ela tinha orgulho de sua raça. Orgulho de descender de alemães, de haver casado com um filho de alemão. Ela mesma se considerava alemã. A raça nada tinha a ver com o lugar de nascimento. Não, não havia de tolerar a ameaça de um intruso na família, um negro. Para Frau Marta quem não tivesse sangue ariano puro estava irremediavelmente condenado: era negro. [...] Protestante casar com católico, ainda tolerava. Mas uma alemã com um negro?... era demais. Uma afronta ao espírito da raça. (MOOG, 1939, p. 116).

Em outra passagem, no diálogo de Martha Wolff com o médico Stahl, novamente fica acentuada a carga de preconceito da personagem: “Mas, na Alemanha não há negros – contrapontou Frau Martha. – O doutor vai querer nos convencer que um negro é igual a um branco?” (MOOG, 1939, p. 134).

Quanto à simpatia pelas ideias nazistas, o romance também aponta Martha Wolff como uma fiel seguidora: “mas o pensamento teimou. Se ela não estivesse convicta de que Hitler nunca errava, seria capaz de dizer que ele agira mal, fazendo essa aliança [...]” (MOOG, 1939, p. 118). E acrescenta, ao ressaltar a valorização extremada que a personagem atribui à Alemanha nazista, reforçando também seu preconceito étnico: “Frau Martha chegara ao auge de sua indignação. Só sabia que Freud era um judeu desprezível e que aquelas coisas que Otto dizia nada tinham a ver com a grandeza da Alemanha, da Alemanha invencível” (MOOG, 1939, p. 229).

Em outro momento do romance, por conta da chegada de Otto Wolff, primo de Paul Wolff, esposo de Martha e pai de Karl e Lore, os pensamentos do patriarca são utilizados para reforçar a ideia de ligação entre os alemães e descendentes de Blumental com a Alemanha nazista:

Herr Wolff sacudiu a cabeça, lentamente. Mas um leve sorriso de malícia crispou os lábios finos de Karl. Passava-lhe pela mente uma ideia que ele preferiu não formular em palavras. E se primo Otto trouxesse uma missão do governo alemão? Sim, era bem possível. Havia colônias alemãs em todo o sul

do Brasil. Era preciso organizá-las, levar para a Grande Pátria documentos que dessem ao Führer uma ideia de possibilidades da colônia. Primo Otto... Missão secreta... Havia de lhe contar coisas, dar-lhe informações preciosas (MOOG, 1939, p. 218).

Mais adiante, num momento de diálogo da família Wolff com o visitante Otto, é a vez de Karl Wolff fazer exaltação ao líder nazista: “Hitler é o maior de todos os alemães” (MOOG, 1939, p. 228). Além dos discursos e diálogos, Vianna Moog busca respaldar e defender a presença nazista através dos rituais e do cotidiano social de Blumental, como pode ser conferido na passagem que segue:

Na outra esquina o pelotão entra a cantar uma canção guerreira. Pela mente de Geraldo perpassam multidões de soldados com capacete de aço, marchando naquele mesmo passo. Já o pelotão fez alto em frente ao Seminário Evangélico. Geraldo devora a cena com os olhos. O chefe destaca-se novamente do grupo, e tendo agora a seu lado o porta-estandarte, empunha a bandeira com a cruz suástica, infla o peito e berra: “- Heil Hitler!”. Vibrante, estentóricamente, acode o pelotão da mocidade, com o braço estendido: “ – Heil! Heil! Heil!” (MOOG, 1939, p. 38).

Enquanto durante todo o seu livro Vianna Moog tenta enfatizar energicamente a não inserção social e cultural de imigrantes alemães e seus descendentes e a infiltração nazista no Rio Grande do Sul, Bayard de Toledo Mércio, em seu romance, é mais direto, não

utilizando recursos literários mais expressivos. Seu interesse é reforçar a opinião e incutir a ideia de adequação e assimilação dessas comunidades de origem imigrantista ao cenário sociocultural brasileiro.

Conclusões

Como foi possível verificar, cada autor possuía um ponto de vista próprio sobre a questão da presença de imigrantes e descendentes no Rio Grande do Sul, assim como acerca do processo de nacionalização. E conforme destacado na parte inicial deste artigo, não é possível determinar com exatidão os motivos que fomentaram as escritas destas duas obras. No caso de *Longe do Reno*, como diz o próprio subtítulo, Bayard de Toledo Mércio quis dar uma resposta contrária ao que Vianna Moog escrevera. Mas, qual a real intenção disso?

Mesmo sem essas respostas definitivas, alguns aspectos podem ser aventados. Um deles era o interesse de cada um em fomentar uma boa imagem e relações pessoais profícuas para com as autoridades do Estado Novo. No caso de Vianna Moog, a narrativa de seu romance vai ao encontro dos discursos radicais proferidos pelos agentes da nacionalização, referendando e reforçando suas declarações, sobretudo aquelas advindas do secretário de Educação Coelho de Souza e do chefe de Polícia Aurélio da Silva Py. Deste modo, *Um rio imita o Reno* se torna um instrumento de *denúncia* e *visibilidade* para as *aberrações* que, segundo o autor, ocorreriam no interior das comunidades de

origem imigrante, bem ao gosto dos representantes estadonovistas. Tanto que a repercussão do romance é positiva entre os mesmos, a ponto de o interventor Cordeiro de Farias e o secretário Coelho de Souza determinarem a compra de exemplares do romance e os distribuírem em educandários do Rio Grande do Sul, com fins *pedagógicos e informativos*. Além disso, o êxito da obra rendeu bons dividendos políticos e sociais a Vianna Moog nos anos que se seguiram, abrindo espaço para seu campo de atuação.

Por sua vez, Bayard de Toledo Mércio utilizou um artefato em linha oposta ao discurso de Vianna Moog, mas também galgou dividendos entre as autoridades do Estado Novo. Embora seu livro não tivesse a mesma repercussão que *Um rio imita o Reno*, e lhe seja atribuído apenas o destaque de ser uma oposição ao mesmo, a obra serviu para uma propaganda positiva das ações de nacionalização que foram empreendidas no município de Taquara, durante a gestão de Egydio Soares da Costa e Bayard de Toledo Mércio, destacando a *eficiência* das ações executadas, não apenas em nível local, mas no Rio Grande do Sul, rendendo assim *louros* aos agentes estaduais do Estado Novo. Não foi possível verificar, por conta das escassas fontes sobre a vida de Toledo Mércio, até que ponto essa obra possibilitou a abertura de *outras portas* para o mesmo. Mas, de qualquer modo, não ocorreria uma má repercussão da mesma entre as autoridades, tendo em vista que *Longe do Reno* também falava dos benefícios da nacionalização e de seus operadores.

É uma tendência crescente entre os historiadores a utilização da literatura para análise histórica, pois esta, com a adequada instrumentação teórica e metodológica em sua apreciação crítica, se estabelece como uma riquíssima fonte para análise social. Por meio da investigação dos autores, das representações, dos discursos e ideias, das inspirações, relações, contextos e conjunturas, é possível descortinar um panorama complexo e dinâmico por meio das fontes literárias. E essas possibilidades também estão possíveis através das obras *Um rio imita o Reno*, de Clodomir Vianna Moog, e *Longe do Reno*, de Bayard de Toledo Mércio. O que aqui fizemos foi trazer alguns aspectos que consideramos importantes, pois se inserem em um contexto conturbado em nível nacional e mundial, marcado por contrastes e incoerências, como foram as décadas de 1930 e 1940. Mas outras perspectivas de abordagens são possíveis e necessárias, nestas e em outras obras oriundas desse período histórico.

Referências

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas considerações. *Revista de História – UFG*, ano 1, n. 3, junho 2010.

CHARTIER, Roger. Debate: Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 01, p. 197-216, 2000.

DIENSTBACH, Carlos. *A Maçonaria Gaúcha*. Volume 2. Londrina: Editora Maçônica “A Trolha”, 1993.

GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

_____. *O Fascismo no Sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FERREIRA, Antonio Celso. Heróis e vanguardas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.

LEENHARDT, Jacques. As Luzes da Cidade. Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.

LUCAS, Taís Campelo. *Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento* (Rio Grande do Sul, Brasil). Tese [Doutorado]. Porto Alegre, 2011. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2011.

MERCIO, Bayard de Toledo. *Longe do Reno: uma resposta a Vianna Moog*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Instituto Técnico Profissional do Rio Grande do Sul, 1940.

MOOG, Clodomir Vianna. *Um rio imita o Reno*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Livraria do Globo, 1939.

_____. *Um rio imita o Reno*. Rio de Janeiro: Editora Delta 1966.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989.

PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Estabelecimento Gráfico Santa Terezinha, 1934.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNIESP, 1998.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. v. 1 e 2. Porto Alegre: Globo, 1969.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *Organização Social dos Imigrantes: a Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850)*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

Recebido em 02/01/2017, aceito para publicação em 18/05/2017